

Evangelismo na Web: Problemas em Comunicar a Verdade Em um Universo de Informações sem Fronteiras e Ética¹

Fábio Dutra BARROS²
Levi Pinheiro dos SANTOS³

RESUMO

As redes sociais se tornaram uma espécie de mídia difusora de conteúdos e o grande número de conexões proporcionado pelas redes, podem alcançar muitos usuários. Quando se fala de redes sociais hoje, fala-se do Facebook. Dentro do “universo do ciberespaço” pode se dizer que essa rede social é a maior das “galáxias.” Existe também um outro mundo se ligando ao ciberespaço que é as mais de 9000 denominações cristãs no mundo, segundo o World Christian Database. Em meio a todo esse universo de denominações cristãs, no afã de disseminar a sua crença e ou pretensas verdades, potencializado pelas redes sociais, o presente trabalho pretende levantar a necessidade de discutir alguns aspectos como: será possível m limite ético na prática do proselitismo dentro da nossa sociedade pós-moderna? Num universo sem fronteiras de espaço e tempo em que qualquer um pode se mover a agir com possibilidade de anonimato é possível ter algum controle sobre os conteúdos postados que levam o nome da igreja, seja efetuado pela própria instituição religiosa o até mesmo por um fiel que por sua vez se torna um representante da fé?

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Redes sociais; Facebook; Proselitismo.

INTRODUÇÃO

Neste mundo pós-moderno, onde credos se multiplicam fundamentados nas mais diversas cosmovisões, as denominações religiosas procuram estabelecer-se através dos mais variados meios de comunicação. Jorge Miklos, citando uma pesquisa do instituto alemão Bertelsmann Stifung, diz que 95% dos brasileiros entre 18 e 29 anos se dizem religiosos e 65% afirmam que são “profundamente religiosos.” Diz também que milhões de jovens recorrem à internet para resolver seus problemas espirituais, e nela a diversidade de crenças se propaga como vírus. Nos últimos anos as religiões apropriaram-se da expansão das redes sociais. Neste segmento de comunicação, destaca-se o Facebook como expoente.

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016

² Graduando em Teologia, UNASP-EC. E-mail: fabiogts@gmail.com

³ Graduando em Teologia, UNASP-EC. E-mail: levipsantos@live.com

Os dados do Facebook impressionam: São mais de 1,65 bilhão de usuários ativos mensais. Diariamente, 1 bilhão de pessoas acessam a rede. Só no Brasil, a cada 10 usuários, pelo menos 8 o utilizam. Metade dos internautas no mundo entra na rede pelo menos uma vez por mês. Ele tem mais adeptos do que a maior das religiões (a católica, com 1,2 bilhões de fiéis), e mais usuários do que a internet inteira tinha na década passada. Em suma: é o meio de comunicação mais poderoso do nosso tempo, e tem mais alcance do que qualquer coisa que já tenha existido.

Nesta aldeia social, surge um novo paradigma através da interação que o site proporciona. Qualquer usuário pode postar textos, fotos e vídeos a seu bel-prazer, difundindo suas crenças e idéias em alcance global. Obtêm-se um *feedback* quase imediato, podendo modificar-se as estratégias de marketing em tempo real.

Em meio a todo esse universo de denominações cristãs, no afã de disseminar a sua crença e ou pretensas verdades, potencializado pelas redes sociais, o presente trabalho pretende levantar a necessidade de discutir alguns aspectos como: será possível m limite ético na prática do proselitismo dentro da nossa sociedade pós-moderna? Num universo sem fronteiras de espaço e tempo em que qualquer um pode se mover a agir com possibilidade de anonimato é possível ter algum controle sobre os conteúdos postados que levam o nome da igreja, seja efetuado pela própria instituição religiosa o até mesmo por um fiel que por sua vez se torna um representante da fé?

1. ÉTICA PÓS-MODERNA

Antes de mais nada, vale lembrar que não é o objetivo aqui percorrer ou até mesmo fazer juízo de valores sobre as diversas correntes éticas no mundo hoje. No entanto não podemos deixa de ressaltar fatores e circunstâncias que, de certa forma, influenciam as ações dos indivíduos.

A sociedade tem mudado. Sempre mudamos, evoluímos, adquirimos novos conhecimentos e experiências de vida. Só que antes essas mudanças aconteciam em

³ Nome dado ao pensamento sistematizado por BurrhusFrederic Skinner, teórico que postulou que a lógica do modelo de seleção natural de Darwin também poderia ser aplicada ao comportamento dos indivíduos como um novo modelo causal diferente do mecanicismo.

ciclos mais lentos. Gerações inteiras se passavam e muitos processos de mudança talvez só se concretizavam com gerações posteriores. Não é o caso do nosso mundo hoje.

Jorge Miklos (2012) em seu livro intitulado *ciber-religião* diz que o pensamento pós-moderno instaura uma nova modalidade de relacionamentos e cultura, e produz uma mudança qualitativa nas instituições da sociedade moderna. Isso não pode ser confundido com o conceito skinneano³ de que "o homem é produto do meio". Barth (2007) pontua que não se pode dizer que o homem pós moderno é amoral, e sim, "a pós-modernidade somente alterou os valores morais". O autor ainda pondera que o homem se tornou o centro e por isso cada um é o seu próprio referencial, e que mesmo que perceba a verdade de proposições éticas históricas e sociais ele rejeita-as por não procederem de sua própria formulação ou procedência.

“A heteronomia (moral proposta por outro além de mim mesmo), nesse caso, cede seu espaço para a autonomia moral (cada um estabelece a sua moral). A verdade de um único sistema moral, um único conjunto de verdades dá seu lugar a um conjunto variado de verdades e a sistemas abertos e aleatórios, o que fatalmente leva ao desajuste geral e uma verdadeira crise.” (Barth, 2007, p. 100).

Bauman (1997), ao analisar o vazio deixado pela agora extinta ou ineficaz supervisão moral da Igreja, que a tentativa de eger a razão humana como capaz ocupar este vazio, mesmo com um cuidadoso e harmonioso conjunto de regras, tem fracassado. Ele afirma também que não dá para garantir a conduta moral quando os padrões são baseados no ser humano e que “precisamos aprender a viver sem essas garantias e conscientes de que nunca se oferecerão essas garantias de que uma sociedade perfeita, assim como um ser humano perfeito, não é perspectiva viável...” (Bauman, 1997, P. 11-16).

Apesar de tudo isso e de vivermos neste mundo tão confuso, sem padrões morais e éticos, nós como cristão devemos ter a certeza de que temos um único padrão moral a observar e viver, a ética bíblica. O princípio de Lutero de *Sola Sriptura* deveria ser o pilar de toda a nossa conduta ética. Podemos não ser produtos do meio em que vivemos

mas com certeza somos impactado a todo momento com filosofias e padrões éticos diversos.

Também sabemos que apesar de, como cristão, sermos chamados de "seu povo" pelo próprio Deus (Hb. 8:10), ainda estamos em um processo de constante crescimento na fé, em Cristo (Ef. 4:15) e de santificação (Hb. 12:14). Não podemos nos esquecer do ensinamento do nosso mestre Jesus:

“Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte;
Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mt. 5:13,14, 16.)

2. REDES SOCIAIS

É notório que quando se fala de redes sociais hoje, o primeiro nome que nos vem à mente é o Facebook. Dentro do “universo do ciberespaço” pode se dizer que essa rede social é a maior das “galáxias”. Essa mídia social se tornou grande o suficiente para não ser ignorada por nenhum setor da sociedade. Vejamos então como funciona e os motivos de tamanho sucesso.

BOYD, d. m., e ELLISON, N. B. (2007) publicaram em um artigo no *Journal of Computer Mediated Communication*, uma definição bastante interessante de rede social dizendo que são serviços que permitem ao usuário "(1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema fechado, (2) articular uma lista de usuários com quem divida uma conexão e (3) ver e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outros dentro do sistema". Uma característica importante dessas novas plataformas sociais é a capacidade de armazenamento das conexões, ao contrário das antigas em que as conexões estabelecidas entre usuários se mantinham somente pelo período em que estivessem conectados. No momento em que saíam ou desconectavam toda e qualquer informação trocada entre os usuários se perdia. Com isso, as redes sociais proporcionam e armazenam uma rede de conexões que se mantêm gravadas, permanecendo assim até

que os usuários desfaçam, seja por desligamento da rede através da exclusão de algum perfil ou simplesmente a rejeição de algum usuário/perfil como seu contato.

Essa capacidade de manter as conexões permite que os usuários mantenham ligações com uma gama enorme de outros usuários dentro da rede. Nisso se forma uma espécie de teia, um emaranhado de ligações em que cada usuário pode influenciar o grupo coletivamente sem que haja uma necessidade de hierarquia. Essas redes estão sempre em mudança, pois em um ambiente em que todos têm voz, e com suas atitudes influenciam de alguma maneira a rede (Antoun, 2002).

Em todo esse novo universo da rede social a difusão de informações é potencializada. Ao contrário dos primeiros sites de redes sociais, em que se conectava nas chamadas “salas de bate papo” para literalmente estabelecer uma conversa com outro ou diversos usuários ao mesmo tempo, não se usa as redes hoje para meros bate papos. Kwak et al (2010) ao analisarem o Twitter, que também é uma rede social, chegam a indagar-se se é um meio de comunicação ou apenas uma rede. Eles observaram que nos tópicos postados em um período “mostraram que a maioria (mais de 85%) de tópicos são notícia de primeira página ou notícias recorrentes. Assim podemos observar que essas redes, funcionam também como meios de comunicação. Cada laço estabelecido no ciberespaço é um canal de trânsito de informações entre usuários e no seu coletivo.

Podemos observar com isso, que as redes sociais se tornaram uma espécie de mídia difusora de conteúdos, que potencializado pelo grande numero de conexões proporcionada pelas redes, podem alcançar muitos usuários. Os usuários, por sua vez, não são pontos passivos que apenas recebem informações diversas e replicam automaticamente, eles podem coletar ou até mesmo construir conteúdos. Quando alguns desses conteúdos impactam alguns usuários conectados à rede, pode gerar um efeito “cascata”. Kleinberg e Easley (2010) dizem que isso é um efeito causado pela circulação de informações de um determinado grupo, gerado por imitação.

Outro ponto importante, fruto da democratização do acesso e produção de informação, é a capacidade de potencialização de visibilidade conferido ao usuário ao comentar um conteúdo publicado ou criar um conteúdo. Isso tem seu lado bom, mas

também pode se tornar um problema, quando se leva em conta o efeito cascata citado anteriormente. Um exemplo de problema pode ser a nossa falta de preocupação de checar as fontes das informações, para ver se elas são verdadeiras ou se esta contando toda a verdade sobre a matéria discutida. Fora do ambiente das redes sociais é complicado fazer isso, no entanto, mesmo assim é possível. Já no universo da rede social é muito mais difícil de se chegar a fonte da informação correta assim como do difusor da informação incorreta.

3. FRONTEIRAS DO PROSELITISMO

O que queremos dizer exatamente com proselitismo? Prosélito, do grego *προσήλυτος/prosélytos*, significa, “aquele que se aproxima” . Segundo Butter, atualmente o termo tem conotação negativa e é usado para descrever o comportamento de uma religião:

Proselitismo é o nome dado à busca ativa de uma religião por novos fiéis. Em sua origem grega, o termo designava a adesão de pagãos ao judaísmo, mas esse sentido primeiro foi perdido há muito tempo. Hoje, “proselitismo” é usado com conotação negativa, para descrever a suposta agressividade de uma religião (concorrente) em converter novos seguidores. (BUTTER,2007)

Mas apesar de tal associação subjetiva, existe uma dimensão permissível em seu espectro, garantido pelos conceitos de liberdade de expressão e liberdade religiosa. Feldens e Tonet analisam os limites toleráveis do proselitismo indutor, questionando se pode haver limitações constitucionais à liberdade religiosa por meio do mesmo:

Muitas religiões necessitam do proselitismo para se desenvolverem, ou seja, do direito de tentar atrair outros crentes a seguirem a sua religião, convencendo-os de que os seus fundamentos são unicamente verdadeiros e conduzem às respostas ansiadas sobre o transcendental. Para tanto, a liberdade de expressão deve estar garantida, mas com o limite de que não agrida a liberdade religiosa de outras confissões. (FELDENS, TONET, 2013)

Discutindo tais limites, Guerreiro vai mais além, dizendo que o proselitismo não possui uma moldura determinada de direitos e/ou deveres, nem um conceito definido, e muitas vezes se mostra legítimo e indispensável às liberdades de expressão e religiosa;

porém, em outras situações, assume uma “feição coativa⁹, flagrantemente abusiva e que

⁹ “Feição coativa”. Expressão utilizada por Guerreiro para designar um caráter coercivo, que impõe obediência, coloca em conflito uma série de direitos e interesses”. Alguns estados inclusive criam leis para coibir essa espécie de proselitismo, e em alguns casos é tipificado como crime. (GUERREIRO, 2005, p. 176).

Ciáurriz trouxe alguns exemplos de como esse proselitismo indutivo atua:

[...] qualquer utilização de manipulações psíquicas e psicológicas por meio das palavras gera o proselitismo abusivo. Quem não ouviu falar de lavagem cerebral e manipulação mental, de captação dos ignorantes, da juventude sem norte [...] entenderá muito bem a captação proselitista mediante os dos meios mais graves e irreversíveis”. (CIÁURRIZ, 2001, p. 141-143).

Logo, a escolha da fé deve ser realizada sem nenhum tipo de pressão, seja física ou psicológica. Ciáurriz diz que as confissões devem evitar radicalmente o proselitismo ilícito ou irregular. Quanto ao proselitismo lícito e regular deve ser propiciado às confissões por meio de um jogo limpo, cujas regras elas devem estabelecer perante o pluralismo cultural e ideológico. Tais regras podem ser vistas em documentos internacionais já criados, como respeito à liberdade de todos, proteção à identidade cultural de cada povo, proibição de aproveitamento da debilidade de uma pessoa para induzi-la a trocar de religião, entre outras (CIÁURRIZ, 2001, p. 128).

Guerreiro refere que no documento intitulado “Princípios orientadores de uma disseminação responsável da religião ou crença”, redigido pela Associação pela Liberdade Religiosa (INTERNATIONAL RELIGIOUS LIBERTY ASSOCIATION, 2000) (na sequência de uma série de conferências e encontros ocorridos nos Estados Unidos, Rússia e Espanha), conclui-se que:

Cada pessoa tem o direito de tentar convencer os outros da verdade de sua crença, contudo, com manifestações humildes, respeitadas e honestas, implantando-se o diálogo no lugar do confronto. Ainda, sugere-se a forma como a disseminação da fé deve ser considerada, evitando competição e antagonismos, para desencorajar declarações falsas ou intolerância religiosa: limites à liberdade de expressão, menosprezo e ridicularização de outras religiões, como também a coação física e moral ou a utilização do poder político e econômico. (GUERREIRO, 2005, p. 176) (Grifo Nosso).

Portanto, após essa sucinta pesquisa, pode-se concluir que o proselitismo lícito é uma prática viável e garantida pela liberdade religiosa, desde que através de manifestações humildes, respeitosas e honestas, sem manipulações físicas, psíquicas ou psicológicas. Em seguida, discutiremos brevemente ações proselitistas na rede social.

4. PROSELITISMO VIRTUAL

Nas comunidades desta aldeia social, encontramos várias religiões trazendo informações sobre suas doutrinas, valores e crenças, além de informações sobre eventos religiosos, como cultos, missas, vigílias, grupos de oração, entre outros assuntos religiosos. Villasenor em seu artigo publicado na revista *Ciberteologia* diz que várias religiões vêm priorizando e se dedicando no desenvolvimento de estratégias virtuais, que passam pelo uso de ferramentas web, até mesmo a criação de novas plataformas ou de ambientes virtuais de convivência. Ainda destaca que no ciberespaço, podemos encontrar artigos contando a história de cada religião, os diversos textos sagrados, contendo seus valores e tradições.

Segundo ele, as características deste *media*, proporcionam um “grande potencial para evangelização e para o debate de temas religiosos, pois reúne condições que favorecem os objetivos das instituições que podem agregar simpatizantes com a causa social e religiosa, reunindo internautas em torno das questões sociais e econômicas no contexto da universalidade.” E com vistas a este filão:

O ciberespaço tem sido usado de forma mais intensiva, com o objetivo de fazer chegar a mensagem religiosa para quem não pertence à própria crença. É usado como veículo de difusão dos seus ensinamentos, visando ampliar a base de fiéis e criar espaços de convivência social e proselitismo entre os seus adotantes. (VILLASENOR, 2013)

E quanto ao proselitismo virtual? Onde se estabelece a fronteira entre o proselitismo aceitável e o proselitismo abusivo? Sbardelloto, estudioso gaúcho que analisa as incursões religiosas na internet, faz uma crítica às ações de “marketing religioso”:

Mas um problema ainda maior é quando essa “economia que mata” se infiltra no âmbito do sagrado e da Igreja, confundindo a ação evangelizadora com práticas de um “mercado de bens religiosos”,

marcado pela "concorrência religiosa", pelas "ações de marketing religioso", pela "fidelização" de novos "adeptos", pelas "estratégias de benchmarking", pela busca de "visibilidade positiva" e de "aumento de popularidade" das Igrejas e de suas lideranças. Como álibi, até se costuma dizer que o próprio Jesus foi "o maior marqueteiro da história", e a cruz – de "escândalo para os judeus e loucura para os pagãos" (1Cor 1, 23) – se converte no "maior logotipo que conhecemos na história" (SBARDELOTTO, 2015)

Os termos utilizados por Sbardelotto definem muito bem o proselitismo abusivo na rede social. Usuários e grupos do Facebook utilizam imagem e artigos de uma determinada denominação afim de imputar credibilidade em seus perfis. Uma isca perfeita; fiéis visualizam e compartilham as imagens muitas vezes sem conhecer e/ou entender o seu conteúdo. Quando a visibilidade pretendida é alcançada, os fiéis são encaminhados a estudos bíblicos que contradizem doutrinas fundamentais da denominação a qual foi usurpada a imagem. Fiéis ainda compartilham tais imagens e mensagens, propagando e servindo esse sistema.

A dissimulação não pode ser um método ético de propagar o evangelho. Como disse o Papa Francisco, no dia 05 de maio de 2015 em seu Twitter: “Evangelizar é testemunhar com alegria e simplicidade o que somos e aquilo em que acreditamos.” A honestidade e o respeito são fundamentais, mais ainda quando os atores se dizem pertencer a mesma fé.

Villasenor diz ainda que as ferramentas web seriam mediadas pelas denominações:

Notamos que nos sites religiosos, de modo geral, há certo controle institucional, seja por parte das próprias instituições religiosas, seja pelos moderadores, que acabam por estimular uma convivência mais pacífica entre seus membros. (VILLASENOR, 2013)

Porém, na rede social, tal tarefa pode se tornar imensa, devido a proporção que as ferramentas sociais tomaram. Torres diz que nela, cada indivíduo influencia não um grupo de amigos, mas vários grupos de comunidades às quais pertence, com várias pessoas que influenciam outras comunidades, em uma progressão geométrica, que levam ao chamado efeito viral, que multiplica e amplifica qualquer mensagem de interesse coletivo. (TORRES,2009)

Um caminho a seguir seria investir na orientação dos membros, a fim de terem uma postura defensiva nas redes sociais, tendo cuidado no compartilhamento de informações, verificando se a origem das mesmas é de fato aquela que parece ser. Ao relacionar-se com membros de outras denominações, respeito e amor cristão é a conduta coerente com o cristianismo.

BIBLIOGRAFIA

BARTH, Wilmar Luiz. *O homem pós-moderno, religião e ética*. **Teocomunicação**, v. 37, n. 155, p. 89-108, 2007.

BOYD, d. m., & ELLISON, N. B. (2007). **Social network sites: Definition, history, and scholarship**. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), article 11.
<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/full>

ANTOUN, H. . O Poder da Comunicação e o Jogo das Parcerias na cibercultura. In: XIII COMPÓS - 13 Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2004, São Bernardo. XIII COMPÓS, UMESP 2004, Anais do XIII Encontro Anual da COMPÓS. São Bernardo : COMPÓS/UMESP, 2004. v. 1. p. 1-29.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Trad. Maria Lucia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

KWAK, H.; LEE, C.; PARK, H.; MOON, S. What is Twitter, a Social Network or a News Media? In: **WWW 2010**, April 26–30, 2010, Raleigh, North Carolina, USA, 2010. Obs: verificar outros exemplos na norma da ABNT 6023.¹

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*; tradução João Rezende Costa. **São Paulo: Paulus**, 1997.

KLEINBERG, J. e EASLEY, D. **Networks, Crowds, and Markets: Reasoning about a Highly Connected World**. Cambridge University Press, 2010.

RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. **Lo que McLuhan no previu. 1ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía**, v. 1, p. 205-223, 2012.

BUTTER, David. **Entenda o que é proselitismo, palavra usada pelo Papa**. São Paulo/SP. Disponível em < <http://g1.globo.com/Noticias/PapanoBrasil/0,,MUL35876-8524,00.html>> Acesso em 17/06/2016

CIÁURRIZ, Maria José. *El derecho de proselitismo en el marco de la libertad religiosa*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

G1, **Facebook atinge marca de 1 bilhão de usuários todos os dias**. São Paulo/SP Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html>> Acesso em 17/06/2016

GUERREIRO, Sara. *As Fronteiras da Tolerância: Liberdade religiosa e proselitismo na Convenção Europeia dos Direitos do Homem*. Coimbra: Almedina, 2005.

SANTI, Alexandre de. **O lado negro do Facebook**. SuperInteressante, Edição 348, 2015. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/o-lado-negro-do-facebook>> Acesso em 17/06/2016

VILLASENOR, Rafael Lopez. **A religiosidade popular no ciberespaço**. Revista de Cultura Teológica, Ano XXII, n. 83 p. 301-311. 2014 Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/20332/15097> Acesso em 16/06/2016.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Centro Universitário Adventista de São Paulo - EC, SP, 18/8/2016

VILLASENOR, Rafael Lopez. **As práticas religiosas no ciberespaço: nova fronteira religiosa.** CIBERTEOLOGIA – Revista de Teologia & Cultura, Ano IX, n. 44, p. 102. 2013
Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2013/11/ARTIGOSEIS.pdf>>. Acesso em: 16/06/2016.
